

ASPECTOS DA MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO COM DOENTES ONCOLÓGICOS: UM ESTUDO COLABORATIVO ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Camila B. de Souza¹, Maria do Rosário N. Bacalhau², Maria de Jesus Moura²
José Henrique Volpi³, Sónia Marques³, & Maria Rosalina G. Rodrigues³

¹ Universidade Metodista de São Paulo, Brasil, Setor de Oncologia Ginecológica – UNIFESP-EPM

² Instituto Português de Oncologia – Lisboa, Portugal

³ Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

RESUMO: Brasil e Portugal, por razões históricas e de fenômenos recentes de imigração compartilham de uma cultura e de uma língua similares. O trabalho dos voluntários é uma atividade muito importante como suporte social de pacientes oncológicos e necessita uma avaliação mais profissional e sistemática na formação de seus grupos. O objetivo desta pesquisa foi identificar a estrutura motivacional dos voluntários que atendem aos pacientes com câncer e comparar diferenças e situações similares nos dois países.

Os participantes foram 29 voluntárias de “Liga Portuguesa contra o Cancro” e 21 voluntárias “Rede Feminina de Combate ao Câncer”. A idade média foi em Portugal 59,2 ($DP=8,79$), no Brasil e a 47,09 ($DP=11,0$). Foi utilizado o Inventário Funções de Voluntariado (VFI) desenvolvido por Snyder et al., (1998), que propõe seis categorias para personalidade motivacional para o trabalho voluntário. Os resultados foram analisados pelo software estatístico SPSS, usando o t-Estudante. Os resultados mostraram que apesar da língua similar há diferenças significativas entre voluntárias brasileiras e o portuguesas. As diferenças não são no processo motivacional mas são no grau de importância deste processo.

Palavras chave: Suporte social, Trabalho voluntário, Voluntariado.

AN ASPECT OF VOLUNTEER'S MOTIVATION THAT ATTENDS CANCER PATIENTS: COLLABORATIVE STUDY BETWEEN PORTUGAL AND BRAZIL

ABSTRACT: Brazil and Portugal, for reasons of history and immigration, share a similar culture and language. This is a inter cultural research for to compare a specific motivational processes and psychological functions involved in volunteer work. The work of volunteers is also a very important activity in the social support of cancer patients and needs further evaluation in both of countries. The objective of this research was to identify the structure of volunteers' motivation that attends to cancer patients and to compare differences and similar situations.

Participants were 29 female volunteers from “Liga Portuguesa Contra o Cancro” and 21 female volunteers from “Rede Feminina de Combate so Cancer” in Brazil. The mean age was to Portugal 59.2y ($SD=8.79$), and 47.09 y ($SD=11.0$). The authors used the Volunteer Function Inventory (VFI) developed by Snyder et al., 1998, which proposes six personality/motivational categories for volunteer work. The results were analyzed by SPSS statistic software, using the t-Student. The results showed that

despite the similar language there are significant differences between Brazilian volunteers and Portuguese volunteers. The differences are not in motivational process but are in degree of these processes.

Key words: Social support, Volunteer work, Volunteerism.

Estabelecer uma data para se contar a história do trabalho voluntário é praticamente impossível. Com certeza, a solidariedade acompanha o homem desde os tempos da Idade da Pedra; é uma característica do homem que vive em sociedade. Informalmente o homem sempre se movimentou, individual e informalmente para ajudar o outro em situações difíceis. Ajudar os menos favorecidos, quer por questões sócio-econômicas-políticas, quer por catástrofes, é parte do ser humano em qualquer parte do mundo.

No entanto, o trabalho voluntário hoje, embora movido pela solidariedade, busca outros objetivos, pretendendo ir além do assistencialismo ou da caridade, organiza-se de acordo com os princípios empresariais, preocupa-se com aspectos profissionais e com as habilidades dos indivíduos que se propõem a essa atividade, buscando a eficiência (Avancini, Arruda, & Bastos, 2001).

No Brasil, 22,6 % da população adulta dedica parte do seu tempo ao trabalho voluntário, não muito menos que a França (23%) e aumenta a cada dia o número de pessoas interessadas.

O trabalho dos voluntários é um importante componente no tratamento oncológico, é um suporte social valioso, e, muitas vezes, para os doentes de baixa renda ou para as pessoas que vivem sozinhas, é o único suporte que o doente recebe.

O voluntário no seu trabalho nas clínicas oncológicas, tem contacto direto com o paciente e com a família, muitas vezes mais íntimo e mais estreito do que os profissionais envolvidos no tratamento possam ter. Oferece atenção, conforto, convívio, esperança, e modelos de “coping”. Influem no universo emocional dos doentes, trocam informações e dão conselhos.

Como psico-oncologistas, preocupamo-nos em estudar, em avaliar e em propor novos rumos para a comunicação dos profissionais entre si e com os pacientes. É nossa responsabilidade também colaborar para a seleção e treinamento dos voluntários que atendem nossos doentes.

E o que faz com que essas pessoas, saudáveis, com status social definido e família constituída, dar parte do seu tempo de modo espontâneo para cuidar de pessoas estranhas? O que as motiva sem a obrigação familiar que justifique o ato de cuidar, sem receber nada material como pagamento?

Para Carlo, Eisenberg, Troyer, Switzer, e Speer (1991), o trabalho voluntário é movido pelo altruísmo. Archer, Diaz-Loving, Gollwitzer, Davis, e Foushee (1981), muito antes, já demonstraram que a motivação para o trabalho voluntário envolve outros conceitos tais como: sentir-se bem, melhorar auto-estima, ou obter reconhecimento social.

Provavelmente todos estão certos. Na verdade o ato de cuidar envolve

diferentes aspectos da personalidade e necessidades do cuidador, aspectos que determinam o tipo de trabalho e o local onde vai exercitar sua solidariedade.

É objetivo deste estudo: avaliar os aspectos motivacionais envolvidos no atendimento a pacientes oncológicos. E num caráter transcultural compara os processos motivacionais de voluntários brasileiros e portugueses que atendem pacientes com câncer.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 63 voluntárias do sexo feminino sendo 23 brasileiras pertencentes a Liga Paranaense de Combate ao Câncer, Paraná e Liga Prudentina de Combate ao Câncer, interior do estado de São Paulo. As 40 voluntárias restantes pertenciam à Liga Portuguesa Contra o Cancro (Regional Sul – Portugal). Foram excluídas duas voluntárias brasileiras e 10 portuguesas por não terem preenchido corretamente o questionário, totalizando assim a amostra de 51 voluntárias.

Quadro 1

Dados gerais da amostra

	Brasil N=21	Portugal N=30
Média de idade	47,1	59,2
Variação	21-64	42-74
Escolaridade (%)		
Elementar	52,4	20,0
Secundário	28,6	46,7
Universidade	14,3	26,6
Não declarou	4,8	6,6
Estado civil (%)		
Casada	52,4	60,0
Solteira	28,6	20,0
Viúva	14,3	13,3
Não declarou	4,8	6,7
Renda familiar mensal (%) (em euros)		
250/500	-	6,6
600-1000	23,8	10,0
1000-2500	33,3	6,6
2500-3000	28,5	46,6
3000-5000	4,7	10,0
Maior 5000	9,5	6,6
Não declarou	-	10,0

As voluntárias das diferentes associações que trabalham com pacientes com câncer, no Brasil são sempre mulheres. Já em Portugal também existe a

participação masculina. No Brasil, as associações mais antigas existem há mais de 50 anos, ocorrendo, em geral, uma grande associação por Estado da Federação. As voluntárias são conhecidas, carinhosamente, dentro do hospital, como as “mulheres de rosa”, pela cor do seu uniforme. Em Portugal, com semelhante tradição de 50 anos no atendimento aos pacientes oncológicos, as voluntárias estão reunidas numa única associação (Liga Portuguesa Contra o cancro) e divididas em sub-associações regionais de acordo com a parte do país aonde vivem.

Os dois países têm histórias semelhantes na criação dessas associações, que, em geral foram fundadas por uma pessoa proeminente na sociedade local e depois se expandiu.

Os resultados sócio-demográficos das amostras são mostrados no Quadro 1

Material

Utilizamos o “Volunteer Function Inventory (VFI)” (Clary & Snyder, 1991; Clary, Snyder, Ridge, Stukas, Copeland, Haugen, & Miene, 1998) para avaliar os fatores motivacionais do trabalho voluntário. O VFI foi traduzido e validado para a língua portuguesa por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo-Brasil.

O inventário é composto de 30 questões, com respostas valoradas de 1 (nada importante) a 7 (extremamente importante) e avalia seis funções motivacionais:

Valores: expressa sentimentos altruístas e características humanitárias no cuidado de outras pessoas

Experiência: essa função que envolve o voluntariado expressa a oportunidade de aprender novas experiências e a chance de exercitar conhecimentos, habilidades e ter experiências que não teriam outra chance para serem praticadas.

Social: é a oportunidade de conviver com outras pessoas, fazer amizades, ter um círculo de amigos e ao mesmo tempo estar engajado em uma atividade importante para outras pessoas, obtendo assim um certo reconhecimento dentro da comunidade.

Carreira: esta função está relacionada à oportunidade de obter benefícios para a carreira profissional

Proteção: mais relacionada com as teorias da motivação essa função está associada à função defensiva do ego, como por exemplo, a redução da culpa por possuir mais sorte do que outras pessoas, ou por dirigir atenção aos seus próprios problemas pessoais.

Autoestima: Esta função tem como ponto principal buscar o desenvolvimento pessoal ou a satisfação pessoal relacionada ao crescimento e auto-estima. Em contraste com a proteção, diz respeito à eliminação de

aspectos negativos do ego. Esta função está basicamente centrada no crescimento e desenvolvimento do ego.

Anexado ao VFI um questionário perguntando sobre dados sócio-econômicos-culturais e uma pergunta sobre contato anterior com câncer (pessoal e ou familiar).

O inventário foi aplicado durante os programas de treinamento de voluntários desenvolvidos por um dos autores, em ambos os países, no Brasil em Novembro de 1999 e em Portugal em Dezembro de 1999. Após a explicação dos objetivos do estudo, as voluntárias foram convidadas a participar. Não houve recusas.

RESULTADOS

A média de idade das voluntárias portuguesas ($M=59,2$) foi maior do que a média de idade das voluntárias brasileiras ($M=47,1$ anos, $p<0,001$). Estas diferenças são estatisticamente significativas. A população brasileira, embora já não seja composta por maioria jovem, ainda é na média, mais jovem do que a população europeia. Levantamentos populacionais, sobre trabalho voluntário, realizados por Kanitz Associated (2001) mostram que o jovem, no Brasil, tem procurado, cada vez mais, engajar-se no trabalho voluntário.

Dois fatos bastante interessantes chamaram nossa atenção, o primeiro foi que nas duas amostras a grande maioria das voluntárias pertencia economicamente à classe média. (renda mensal entre 1000 e 5000 Euros). Um dos fatores que leva as pessoas a exercitarem o trabalho voluntário é o fato de se sentirem mais favorecidas do que outras e esse fenômeno aqui parece estar mais relacionado à classe média e não aos mais abastados.

O outro fato relaciona-se às experiências anteriores com o câncer. Em nosso estudo 95% das voluntárias brasileiras e 83% das voluntárias portuguesas relataram ter tido experiências pregressas com câncer, em suas vidas pessoais ou em seus relacionamentos familiares. Com relação aos fatores motivacionais do VFI, todas as médias da amostra brasileira mostraram valores estatisticamente mais elevados do que a amostra portuguesa, exceto para Valores e Experiência (Quadro 2).

Poderíamos pensar que a diferença de idade seria a responsável pelos níveis de significância, no entanto quando dividimos o grupo todo por idades (inferior ou igual a 50 anos e superior a 50 anos) não encontramos valores estatisticamente significantes na análise dos fatores, com exceção da autoestima (Quadro 3).

Com relação à ordem decrescente de importância dos fatores, as duas amostras comportaram-se do mesmo modo. Valores aparece como o fator mais importante, seguido por Experiência, Autoestima, Proteção, Social e por último Carreira (Quadro 4).

Quadro 2

Médias obtidas nos fatores do VFI (Teste t)

		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Idade	Portugal	29	59,2	1,63	4,33	0,0001
	Brasil	21	47,1	2,42		
Proteção	Portugal	29	3,23	0,27	-2,60	0,01
	Brasil	21	4,29	0,27		
Valores	Portugal	29	6,08	0,16	-0,15	ns
	Brasil	21	6,12	0,17		
Carreira	Portugal	29	1,67	0,20	-2,42	0,01
	Brasil	21	2,89	0,52		
Social	Portugal	29	2,83	0,14	-3,15	0,03
	Brasil	21	3,88	0,34		
Experiência	Portugal	29	5,72	0,20	-1,16	ns
	Brasil	21	6,06	0,20		
Autoestima	Portugal	29	4,29	0,22	-4,21	0,0001
	Brasil	21	5,62	0,20		

Nota. *ns*: não significativo.

Quadro 3

Fatores do VFI em função da idade (Teste t)

	Idade	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Proteção	<=50	20	3,81	0,35	0,68	ns
	>50	30	3,51	0,26		
Valores	<=50	20	6,14	0,18	0,11	ns
	>50	30	6,11	0,15		
Carreira	<=50	20	2,34	0,46	0,69	ns
	>50	30	1,97	0,30		
Social	<=50	20	3,32	0,30	0,46	ns
	>50	30	3,15	0,21		
Experiência	<=50	20	6,21	0,18	1,91	ns
	>50	30	5,64	0,21		
Autoestima	<=50	20	5,31	0,24	2,41	0,02
	>50	30	4,46	0,23		

Nota. *ns*: não significativo.

Quadro 4

Importância dos fatores do VFI em ordem decedente

	Brasil		Portugal	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Valores	6,12	0,79	6,08	0,88
Experiência	6,06	0,91	5,72	1,12
Autoestima	5,62	0,91	4,29	1,23
Proteção	4,29	1,28	3,23	1,52
Social	3,88	1,55	2,83	0,80
Carreira	2,89	2,42	1,67	1,11

Considerando-se os escores 1 para nenhuma importância, 4 como média importância, e 7 como extremamente importante, podemos ver a valoração dada pelas duas amostras na Figura 1.

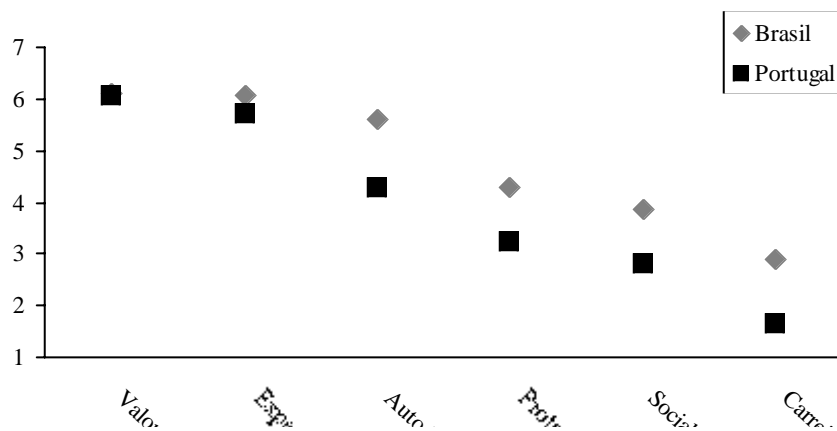


Figura 1. Factores do VFI: ordem de importância

Observando a Figura 1, podemos perceber que ordem de importância tem um padrão semelhante nas suas amostras

DISCUSSÃO

A proposta deste estudo foi avaliar os fatores motivacionais de voluntários que trabalham com doentes oncológicos. Nossos resultados mostraram que independente de fatores culturais, próprios de cada país, parece existir um padrão motivacional que envolve esse tipo de trabalho.

As voluntárias, em ambos os países, são na sua maioria, casadas, pertencem à classe média, com nível cultural entre primário e secundário, portanto, sem qualificação profissional, o que justifica o fato do fator motivacional relacionado à carreira ser o menos importante.

De acordo com estudos anteriores que avaliam aspectos motivacionais do voluntariado (Clary et al., 1998; Cnaan & Golberg-Glen, 1991; Fuertes & Jiménez, 2000; Omoto & Snyder, 1990; Omoto & Snyder, 1995; Zweigenhaft, Armstrong, Quintis, & Riddick, 1996), os voluntários, em geral, são motivados primeiramente pelo altruísmo. Essa característica de personalidade é ponto de partida necessário para exercer o voluntariado, ou seja, ter um comportamento de ajuda ao outro que não motivado por acontecimentos adversos externos esporádicos. Nossos resultados em relação a voluntários que trabalham com

doentes oncológicos estão em acordo com essas afirmações. O altruísmo foi o aspecto motivacional mais importante encontrado em nossas amostras. No entanto, se por um lado o movimento de escolher exercer um trabalho voluntário é motivado pelo altruísmo, a escolha do tipo de trabalho está relacionada com um aspecto muito individualista de resolução de problemas vividos anteriormente. Dados da literatura sobre voluntariado (Christensen, Reininger, Richter, McKeown, & Jones, 1999; Kein, Sondag, & Drolet, 1994) mostram que as pessoas procuram o voluntariado de acordo com suas experiências pessoais e/ou familiares. Voluntários que trabalham em centros antialcoolismo tiveram experiências anteriores com problemas causados pelo álcool, o mesmo ocorre com a AIDS. Essa ocorrência é importante, pois um dos fatores relacionados à motivação para o trabalho voluntário parece ser a necessidade de reparação de um acontecimento traumático anterior ou a perda de entes queridos relacionados a isso.

Assim, esse comportamento altruísta convive com uma personalidade que também manifesta aspectos egoístas. Cnaan e Golberg-Glen (1991) já afirmaram que os voluntários são ao mesmo tempo altruístas e egoístas, não existindo um motivo único para o exercício de trabalho sem remuneração.

Klein, Sondag, e Drolet (1994) também consideraram que o altruísmo está presente como motivo manifesto do trabalho voluntário, mas as preocupações com o crescimento pessoal e muitas vezes, com a carreira, são aspectos motivacionais opostos ao altruísmo.

No VFI esses aspectos mais egocêntricos estão relacionados às funções Experiência, e Auto-estima, que, em nossa amostra também tiveram pontuações expressivas, alias, seguem-se imediatamente, na escala de importância, ao valor altruísta.

Também oposta ao altruísmo é a proteção. Embora os valores obtidos em ambas as amostras estejam próximas a uma média importância, a diferença entre a população brasileira e portuguesa é estatisticamente significativa. Em ambas encontramos aspectos relacionados à culpa, ou a redução de uma possível culpa por ser uma pessoa de mais sorte do que outros ou por estar preocupada em solucionar problemas pessoais relacionados ao câncer. No entanto, na amostra brasileira, esse aspecto é mais acentuado do que na amostra portuguesa. Esse fato pode estar relacionado com a própria diferença social existente no Brasil, que distancia muito mais as classes sociais e destaca mais os privilégios.

O que é importante analisar que os voluntários nem sempre estão conscientes de que esses aspectos pessoais de crescimento e entendimento das próprias experiências estão envolvidos no exercício de suas funções. Isso deve ser esclarecido nos treinamentos, para não permanecerem como pontos obscuros que possam atingir o paciente negativamente. Não existe nada de errado em procurar o voluntariado para tentar crescer como pessoa ou para compreender a própria existência. O que apontamos como perigoso, é o fato destes determinantes motivacionais ficarem subliminarmente exercendo

influências no dia-a dia. Os motivos que levam ao trabalho voluntário são determinantes da eficiência do trabalho (Omoto & Snyder, 1995; Penner & Finkelstein, 1998) e podem ser fatores importantes na síndrome de Burnout (Ross, Greenfield, & Bennett, 1999).

Esses resultados nos mostram que os programas de treinamento para voluntários devem prever momentos de reflexão e utilização de dinâmicas grupais que possam abordar essas questões pessoais envolvidas.

Assim como existe uma universalidade no que diz respeito aos aspectos emocionais do paciente oncológico, nosso estudo demonstrou que parece existir um padrão de comportamento relacionado aos voluntários que trabalham com esses pacientes. Não encontramos diferenças significativas entre países diferentes. É certo que, Brasil e Portugal, têm em comum uma história cultural, costumes, e a língua. No entanto, os modos de vida europeus e sul americanos são diferentes. Mas podemos perceber que as diferenças são expressas por intensidades diferentes e não ordem de importância. Isso nos mostrou ser plenamente possível a realização de ações conjuntas visando o treinamento e a eficiência do trabalho do voluntariado em ambos os países, que pode, numa ação mais ousada ser estendido para outros locais.

Por último, foi interessante constatar a oposição da amostra brasileira com relação aos dados da literatura sobre a quantidade de voluntários ser maior à medida que aumenta a faixa etária (Zweigenhart et al., 1996). A mediana de idade da amostra brasileira foi de 49 anos de idade.

Como hipótese, poderíamos relacionar esse envolvimento de pessoas mais jovens no exercício do voluntariado com a incidência do câncer em idades menos avançadas. Têm-se observado, na prática clínica diária em um ambulatório de oncologia, índices maiores de vários tumores em faixas etárias mais jovens. São exemplos o câncer de mama, de colo uterino e ovário. Se for verdadeiro que a experiência pessoal com o câncer é um fator motivacional para o voluntariado, cada vez mais pessoas jovens irão procurar esse tipo de atividade. Este seria um tema interessante para futuras pesquisas.

A principal direção do nosso estudo é aprimorar os treinamentos do voluntariado que trabalha com pacientes oncológicos. Incluir os voluntários na preocupação, nos estudos e ações da psico-oncologia, chamando a atenção para os aspectos emocionais envolvidos neste tipo de suporte são as alternativas propostas.

REFERÊNCIAS

Archer, R.L., Diaz-Loving, R., Gollwitzer, P.M., Davis, M.H., & Foushee, H.C. (1981). The role of dispositional empathy and social evaluation in the empathic mediation of helping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 786-796.

Avancini, M., Arruda, R., & Bastos, R. (2001, 21 de Janeiro). Um por todos... *O Estado de São Paulo* (p. A12).

- Carlo, G., Eisenberg, N., Troyer, D., Switzer, G., & Speer, A.L. (1991). The altruistic personality: In what contexts is it apparent? *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(3), 450-458.
- Clary, E.G., & Snyder, M. (1991). A functional analysis of altruism and prosocial behavior: The case of volunteerism. *Review of Personality and Social Psychology*, *12*, 119-148.
- Clary, E.G., Snyder, M., Ridge, R.D., Stukas, A.A., Copeland, J. Haugen, J., Miene, P., et al. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(6), 1516-1530.
- Cnaan, R., & Golberg-Glen, R.S. (1991). Measuring motivation to volunteer in human services. *Journal of Applied Behavioral Science*, *27*, 269-284.
- Christensen, L.A., Reiningger, B.M., Richter, D.L., McKeown, R.E., & Jones, A. (1999). Aspects of motivation of a volunteer AIDS care team program. *AIDS Education and Prevention*, *11*(5), 427-435.
- Fuertes, F.C., & Jiménez, M.L.V. (2000). Motivation and burnout in volunteerism. *Psychology in Spain*, *4*(1), 75-81.
- Kanitz, & Associated (2001). <http://www.filantropia.org>
- Klein, N.A., Sondag, K.A., & Drolet, J.C. (1994). Understanding volunteer peer health educator's motivations: applying social learning theory. *Journal of American College Health*, *43*(2), 126-30.
- Omoto, A.M., & Snyder, M. (1990). Basic research in action: Volunteerism and society's response to AIDS. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *16*, 152-166.
- Omoto, AM., & Snyder, M. (1995). Sustained helping without obligation: Motivation, longevity of service, and perceived attitude change among AIDS volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology*, *68*(4), 671-86.
- Penner, L.A., & Finkelstein, M.A. (1998). Dispositional and structural determinants of volunteerism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(2), 525-537.
- Ross, M.W., Greenfield, S.A., & Bennett, L. (1999). Predictors of dropout and burnout in AIDS volunteers: a longitudinal study. *AIDS Care*, *11*(6), 723-31.
- Zweigenhaft, R., Armstrong, J., Quintis, F., & Riddick, A. (1996). The motivations and effectiveness of hospital volunteers. *Journal of Social Psychology*, *136*(1) 25-34.